



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

DESIGUALDADES ECONÔMICAS, RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE PODER E AS LUTAS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Moisés Leal Morais
Instituto Federal Baiano (IF Baiano), Brasil
Endereço eletrônico: moises.morais@ifbaiano.edu.br

INTRODUÇÃO

Jacob Gorender (1999), no livro chamado *Marxismo sem utopia*, sustentou uma tese bastante controversa ao afirmar que a classe trabalhadora correspondia a uma classe ontologicamente reformista. Por conseguinte, Gorender critica uma visão teleológica e que trate a classe trabalhadora como agente, essencialmente, revolucionário, para liderar um processo de ruptura com o capitalismo.

Consideramos que não cabe classificar a classe trabalhadora como ontologicamente reformista ou revolucionária, mas que a sua ação política é influenciada pelas condições da realidade material existente, fruto da construção de outras gerações, assim como aquelas que são forjadas no tempo presente (MARX, 2001). Endossar este entendimento, também, não significa desprezar a tese de Gorender, mas reconhecer que ela traz consigo uma questão relevante para a compreensão de como as massas¹ de trabalhadores e trabalhadoras atuam como sujeitos políticos e pensarmos a emergência ou inflexão das lutas sociais no Brasil Contemporâneo.

Assim, propomos refletir sobre a dinâmica da formação sócio-histórica brasileira e o perfil das lutas sociais que nela teve lugar, analisando repercussões destas para o presente, pois permanecem profundas desigualdades econômicas e de poder no país.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está em fase inicial e parte do levantamento bibliográfico para analisar desdobramentos das desigualdades econômicas e de poder presentes na formação histórica do país sobre as lutas sociais contemporâneas. Podemos tipificá-la como pesquisa exploratória, pois, seu desenvolvimento, permite a construção de uma maior familiaridade com a problemática levantada (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

¹ Massa é um termo, por vezes, ambivalente, tomado de forma pejorativa pelo pensamento conservador. Mas, ao contrário, tomamos aqui a noção de massa com o sentido de uma força social potencialmente positiva. WILLIAMS, Raymon. **Palabras clave:** Um vocabulário de la cultura y la sociedad. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003. p.212.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Ao propormos estudar as lutas sociais em uma perspectiva histórica, reconhecendo o materialismo histórico-dialético como método analítico válido para esse intento, uma vez que ao abordar a realidade concreta, buscando compreendê-la a partir das contradições que estão presente e influem na dinâmica do processo histórico, mantendo ou alterando as relações sociais que nele se desenvolvem (IASI, 2019).

RESULTADO E DISCUSSÕES

Recentemente, na tentativa de compreender as mudanças políticas e econômicas em curso no Brasil, têm vindo à baila reflexões que reconhecem, como permanências históricas da escravidão e das relações que disso derivou, os valores conservadores e autoritários que são mobilizados pela classe dominante e o Estado para manter as desigualdades na sociedade brasileira, vide os trabalhos de Jessé Souza (2017) e Juremir Machado da Silva (2018).

Concordamos que seja fundamental para compreender o presente vislumbrar temporalidades mais amplas da formação histórica brasileira. Assim, torna-se possível verificar de que forma há um peso do passado sobre práticas políticas vigentes. No entanto, consideramos válido alargar a análise sobre outras dimensões suplementares, a saber: As relações que se estabelecem entre sociedade e Estado em um processo perene de desigualdades econômicas e relações assimétricas de poder. Isso significa dizer que nos importa compreender como, além da instituição do escravismo, a ação do Estado e dos seus aparelhos de repressão se desdobrou para as conformações do *modus operandi* das lutas sociais no Brasil, influenciando na sua dinamização ou contenção.

Nesse sentido, as lutas sociais no Brasil, desde o período colonial, podem ser lidas, também, a partir da história da violência atroz praticada pelo Estado e seus agentes como mecanismo de controle social na defesa de interesses da classe dominante. Assim, apesar da resistência indígena frente à invasão de suas terras por colonizadores portugueses, muitas das etnias indígenas que existiam no século XVI foram extintas ou impactadas negativamente em sua demografia (PROUS, 2016). A desigualdade de poder, materializada na desvantagem bélica das populações indígenas, impunha limites para debelar o elemento colonizador, apresentando margens estreitas de opção para sobreviver com autonomia. A paz negociada se dava em condições desfavoráveis para os povos originários. Para sobreviver, por vezes, era necessário



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

subordinar-se como se vê no acordo de paz que envolveu etnias indígenas e colonizadores nas províncias do Rio grande do Norte e da Bahia, no final do século XVII (PUNTONI, 2002).

O regime escravocrata, vigente até o final do século XIX, motivou a constituição de um aparato de repressão pelo Estado. Coagir com o uso de uma violência brutal se fazia necessário para manter a ordem, por isso a criação de instituições policiais, prevendo esse objetivo (SOUSA & MORAIS, 2011). A repressão implacável à Revolta dos Malês, em Salvador, na província da Bahia, em 1835, é representativa da prontidão de tropas policiais na contenção de sublevações da população escravizada (REIS, 2003).

E o que falar do período regencial? O Estado imperial sempre reagiu com virulência para extirpar levantes que tinham uma composição heterogênea e interesses diversos. Havia liberais, que reivindicavam mais autonomia para as províncias, assim como negros, indígenas, mestiços e brancos pobres que aspiravam conquistar melhores condições de sobrevivência (CARVALHO & BETHELL, 2001; CARVALHO, 2007).

A República não inaugurou práticas diferentes na lida com as lutas sociais. A afirmativa do presidente da República, Prudente de Moraes, de que “Em Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais possa se reproduzir aquela cidadela maldita” (DE PAULA, 1997) é emblemática do comportamento assumido pelo Estado brasileiro, ao longo do tempo, agindo, preventivamente, para erradicar lutas sociais que ameaçassem a manutenção do *status quo*.

O século XX não demonstrou algo contrário, haja vista as graves violações aos direitos humanos praticadas de forma massiva e sistemática durante a Ditadura do Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985) (BRASIL, 2014). O cenário que se estabeleceu entre estes dois regimes ditatoriais não trouxe transformações profundas nas estruturas econômicas e de poder. Manteve-se uma lógica assimétrica desfavorável para a classe trabalhadora, muito embora tenha se ampliado a condição de barganha, a partir do direito ao voto. Mas, parcelas significativas do operariado se mantinham alijadas desta prerrogativa, pois era vetado o direito ao voto para analfabetos. Além disso, permanecia, ainda, uma estratificação com relação à representação política, principalmente nas esferas federal e estadual, em que as campanhas eleitorais eram mais onerosas e se privilegiava os quadros que possuíam formação universitária (SOARES, 1973; SAMPAIO, 1960).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

O contexto que se apresentou pós-ditadura militar, também, não rompeu plenamente com as desigualdades econômicas e de poder existentes na sociedade brasileira. O autoritarismo e obstruções para a participação política não foram superadas, mas reconfiguradas (TELES & SAFATLE, 2010).

CONCLUSÕES

Karl Marx (2001, p.21) afirmou que “[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a História, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’”. Em grande medida, nesta afirmação, Marx aponta para a premência de atender necessidades elementares para prover a existência humana, pois para poder viver “é preciso, antes de tudo, beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais (Ibidem)”. Observemos que Marx não restringe como demandas para a existência material o atendimento de necessidades vitais (comer e beber), ou o desenvolvimento de condições para se proteger de intempéries naturais (morar e vestir-se). Ele indica que há “algumas outras coisas mais”. Assim, levando em consideração a formação histórica brasileira, podemos incluir, dentre estas “outras coisas mais”, a necessidade de sobreviver ante a violência implacável do Estado e da classe dominante, em um contexto de conflito de interesses, desigualdades econômicas e de poder político e bélico entre colonizadores e povos originários, senhores e escravos, patrões e operários.

A superioridade econômica e de poder em favor de colonizadores, senhores e patrões, impôs para as classes subalternas a necessidade, por vezes, de negociar a sobrevivência imediata. Nossa hipótese é que essa condição traz repercussões para o presente e contribui na conformação das lutas sociais contemporâneas. Por exemplo, as Jornadas de Junho de 2013 (PINTO, 2017) e a paralisação dos caminhoneiros (VALLE & MARTUSCELLI, 2018), sinalizaram, muito mais, para a reivindicação de demandas pontuais e imediatas, dificilmente extrapolando para pautas mais amplas ou que indiquem conquistas localizadas em um porvir indefinido.

Entretanto, ao trazer esta caracterização, não significa tratá-la como imutável, nem, também, essencializar a classe trabalhadora, ela não é ontologicamente reformista. Outrossim, sem desconsiderar a influência dos elementos ideológicos na configuração que as lutas sociais podem adquirir, é válido considerar que a formação sócio-histórica



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

brasileira nos conduziu para estruturas sociais marcadas por disparidades econômicas e de poder abissais, resultando no estabelecimento de relações desiguais de poder, nas quais, muitas das vezes, não se apresentou margens para conquistar nada além do que salvar o pescoço, seja no sentido literal ou metafórico que esta expressão possa assumir.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Desigualdades Econômicas; Lutas Sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Volume I. Brasília: CNV, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____; BETHELL, Leslie. O Brasil da Independência a meados do século XIX. In: Leslie Bethell (org.), **História da América Latina: da Independência a 1870**, vol. III. São Paulo: Edusp, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GORENDER, Jacob. **Marxismo sem utopia.** São Paulo: Ática, 1999.

IASI, Mauro. O método: Categorias fundantes do século XXI. **Revista Trabalho Necessário.** Vol. 37. No. 32. Jan-Abr 2019.

MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAULA, João Antonio de. **Revista Varia História.** Belo Horizonte, No. 18, Set/97.

PINTO, Celi Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova.** São Paulo, 100: 119-153, 2017

PROUS, Andre. **O Brasil antes dos brasileiros.** Rio de Janeiro: Zaha, 2006.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720.** São Paulo: HUCITEC/Edusp, 2002

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835,** São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SAMPAIO, Nelson de Souza. **O diálogo democrático na Bahia.** Belo Horizonte: Editora Bernado Álvares, 1960.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do conservadorismo brasileiro. A abolição na imprensa e no imaginário social.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Sociedade e política no Brasil (Desenvolvimento, classe e política durante a Segunda República)**. São Paulo: Difel, 1973.

SOUSA, Reginaldo Canuto & MORAIS, Maria do Socorro Almeida de. **Polícia e sociedade: uma análise da história da segurança pública brasileira**.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

VALLE, André & Danilo Martuscelli. A paralisação dos caminhoneiros no Brasil (maio de 2018): força dirigente, alianças e interesses de classe em disputa. **Boletim Lieri**. Rio de Janeiro: No. 1, 2018.

WILLIAMS, Raymon. **Palabras clave: Um vocabulário de la cultura y la sociedad**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.